A MULHER QUE ENSINAVA O TEJO A LER

I

A Amélia do Rosário começou a ler em voz alta para o Tejo numa terça-feira de outubro. Eu vi-a logo nessa manhã, da escola que ficava em cima do paredão, com o caderno preto pousado nos joelhos e os óculos colados pela ponte com fita adesiva. Tinha treze anos. Hoje tenho dezasseis, e escrevo isto agora porque há coisas que demoram alguns anos a saber-se que aconteceram.

A freguesia dividiu-se entre os que tinham pena e os que se riam ao balcão dos cafés, e depois deixou-a estar, porque ler para um rio é coisa que dispensa público.

A Amélia tinha oitenta e seis anos. Estava quase cega. O caderno fora, em mil novecentos e sessenta e dois, um livro de planos de aula da Escola Primária N.º 2 de Alhandra, mas em dois mil e vinte e tal já não tinha sumários nem lições, tinha nomes. Alguns levavam por cima uma cruz pequenina, que não era piedade. Percebi mais tarde que era contabilidade.

Abria sempre na mesma página, embora não a lesse. Era uma página em que um nome tinha sido riscado cinco vezes e cinco vezes voltara a aparecer. Começava em *M*. Não a lia. Lia outras, à volta dela, todos os dias, à mesma hora, e o rio, como sempre, recebia sem responder.

I I

Naquela primeira manhã ia atrasada para a aula de Português, pelas escadas da estação de comboios, e parei no patamar de cima a olhar para ela, lá em baixo. Fiquei ali até à passagem de três comboios. Ao terceiro percebi que tinha perdido o segundo tempo de aulas, e que se calhar não me importava nada. À noite, estendida na cama, tentei pronunciar dentro da boca, sem voz, o nome

do meu pai que tinha ido embora quando eu tinha quatro anos. Morreu na primeira sílaba. Eu não sabia dizer o nome do meu próprio pai. Fiquei a olhar para o teto a pensar se a Amélia me ensinaria a chegar à segunda sílaba.

Voltei ao paredão na manhã seguinte, e na seguinte. Não desci. Apenas olhei, mais nada. A Amélia, pela margem do olho, atrás da lente colada, percebeu-me parada no patamar à terceira manhã, e à quarta, e à quinta. Não fez sinal. Esperou. Na altura achei que ia ser castigada.

Em Alhandra, naquele outono, choveu pouco. A lezíria afundava na neblina, como se alguém a tivesse esquecido ali. O Tejo enchia ao princípio da tarde sem grande força, enquanto em casa da Amélia, no andar de cima, a página em *M* permanecia aberta na mesa de cabeceira.

Foi à sexta manhã que eu desci. A mochila ficou em cima, encostada à barreira. Atravessei os carris no sítio em que toda a gente atravessa, desci pelas escadas do paredão, e parei a uns três passos do banco. Tinha recebido uma piada que o Vasco da minha turma me tinha mandado dizer à velha do paredão, daquelas que os rapazes mandam às raparigas quando querem que estas fiquem mal vistas. Abri a boca para a dizer mas nunca a disse, porque o gesto da Amélia, visto de perto, era o mesmo gesto que eu tinha tido durante três anos à porta de casa à espera de uma chamada que nunca vinha.

— Não troces de uma voz — disse a Amélia, sem voltar a cabeça. — Um dia podes precisar da tua.

Fiquei perto dela e sentei-me. Ela leu, baixo, dois ou três nomes. Depois fechou o caderno em cima de um dedo.

— Apareces às nove. Não às oito, nem às dez. Às nove.

I I I

Faltei à escola de manhã durante três semanas. À terceira, a minha mãe, a Lúcia, soube por uma senhora a quem limpava o terceiro esquerdo da Avenida; e em vez de me ralhar, esperou. A minha mãe, quando estava muito cansada, não ralhava logo. Limitava-se a esperar.

Foi nessa terceira semana que se deu uma coisa que eu não soube explicar na altura, e que ainda hoje explico mal. Estava sentada ao pé do banco, ela lia, eu ouvia, quando passou pelo paredão de cima um velho de boina escura. Quando parou, olhou-nos de cima sem cumprimentar. Por dois segundos a boca dele pareceu querer dizer alguma coisa que ficou por dizer; depois seguiu em frente, devagar, com a mão direita aberta de um lado do casaco como quem se apoia a um corrimão que não havia ali. A Amélia, sem voltar a cabeça, apertou a capa do caderno com os dois polegares, e disse, baixo, uma palavra que não percebi. A página em *M* tremeu-lhe nas mãos durante o tempo de uma simples respiração. Não comentou, limitou-se a continuar a leitura. Eu guardei a cena dentro do bolso como se guarda um pedaço de cordel encontrado, sem saber para quê.

Foi também por esses dias que ela virou o caderno para o meu lado, sem pedir licença.

— Lê tu, que eu hoje me canso com a primeira coluna.

Eu li duas linhas, de forma mecânica. De seguida, ela parou-me.

— Hoje só uma. Lê devagar.

A linha era curta e dizia: A menina que nasceu sem certidão. Mil novecentos e cinquenta e seis. Vinte e dois dias.

— Esta lê devagar — disse a Amélia.

Foi assim que eu soube, e que o rio soube, a história da Helena. A Etelvina do Casalinho tivera-a em casa, sem parteira por falta de dinheiro. A criança viveu vinte e dois dias. Quando trataram do registo, já tinha morrido; e, como o nome nunca chegara ao papel, a aldeia chamou-lhe sempre, à mesa, a menina que nasceu sem certidão. Mais nada.

A Amélia tinha voltado ao assunto vinte anos depois, sentada à mesa da cozinha da Etelvina. A Etelvina estava a dobrar uma fronha. Tinha-a posto em quatro, em oito, em dezasseis, e cada vez que a dobrava parecia que despachava uma pessoa para um sítio mais pequeno. A Amélia perguntou. A Etelvina não interrompeu a dobra. Disse, baixo, sem fazer da resposta uma coisa importante: Helena. Tinha-lhe escolhido o nome na semana antes de nascer, mas tivera medo de o dar a uma criança que parecia já fraca para o nome. Em

casa, à noite, a Amélia abriu o caderno e por baixo da menina sem certidão escreveu, em letra três vezes maior: Helena.

— A senhora deu-lhe um nome — disse-lhe eu.

— Devolvi. Não é a mesma coisa.

Quando voltei para casa perto do meio-dia, e a minha mãe me pôs o prato de sopa à frente sem perguntar nada, olhei para o uniforme azul de trabalho dela durante mais tempo do que era costume. Quase a chamei Lúcia em vez de mãe. Engoli antes. Era a primeira vez que tinha pensado nela com nome inteiro e não com função. Foi então que reparei num fio de cabelo branco na têmpora esquerda que nunca tinha visto.

I V

A página em *M* demorou mais três semanas a ser aberta. Eu não pedi. Limitei-me a esperar.

Numa manhã, antes de chegarmos lá, virei por engano uma folha que não devia ter virado. Vi, ao alto, sublinhado a lápis azul, o que parecia ser um nome de duas iniciais e um apelido, riscado pelo meio com uma régua. Consegui ler L. N., e a palavra Barca à direita, no fim. Mais nada. A Amélia percebeu pelo som do papel que eu tinha virado a folha errada e disse, sem voltar a cabeça: passa, que essa página é de inverno. Eu passei.

Noutra manhã, ainda antes do *M*, contei-lhe que tinha andado no domingo a apanhar amêijoa com o meu tio em São João da Talha, e disse que tínhamos passado em frente da barca velha que ainda está ali encalhada de lado e que mais lembrava uma costela enorme posta a secar. A Amélia, sem voltar a cabeça, pousou os dois polegares na capa do caderno e ficou assim o tempo que eu demorei a perceber que tinha dito uma palavra que mudou o ar. Eu não fazia ideia de que palavra era. Hoje sei. Era barca. Engoli a vergonha e continuei a lição, sem perguntar, e ela disse só, com uma firmeza de manhã da Páscoa: continua, rapariga.

Em dezembro, num dia em que a água tinha o vidro escuro do princípio do inverno, a Amélia disse, sem prefácio:

— O Manuel era meu filho.

Foi tudo. Continuou a olhar para o rio durante o tempo de dois comboios.

— Tinha vinte e dois anos no verão de oitenta e seis. Foi visto entrar no rio aí em cima, encostou a bicicleta a uma cana, pousou os sapatos direitinhos, e entrou. Foi visto entrar, mas não foi visto sair.

— Porque é que ele entrou no rio? — perguntei.

A Amélia ficou calada o tempo de outros dois comboios. Ainda hoje, quando passo no comboio, conto-os ali sem pensar.

— Houve um incidente perto da barca uns meses antes. Morreu um homem. Morreu como morrem os homens nestas terras, com pouca testemunha e muita calúnia. Ninguém vai saber o que se passou exatamente naquela noite, nem eu sei, nem o meu filho sabia já com certeza quando entrou na água. Aquilo a que eu hoje sei dar nome é uma coisa mais pequena e mais minha. Eu tinha sinais bastantes para falar. Falei só comigo.

— Não falou com a polícia?

— A polícia escolheu o mais fácil. Era um homem chamado Lourenço Mendes. Era surdo de nascença. Dormia debaixo da barca, pintava as quilhas pelo seu pão, e a vila, que nunca lhe conhecera o apelido, chamava-lhe o Mudo. Não era santo, que nesta terra os pobres também se cansam mal e bebem quando há dinheiro para beber, mas tinha as mãos limpas naquilo. Pintava as quilhas com uma paciência que parecia ofício de rezar, e às crianças fazia peixes na palma da mão com o dedo sujo de tinta. Foi condenado numa audiência em que nem advogado a sério lhe puseram. Cumpriu sete anos de prisão e morreu pouco depois de sair, sem que alguma vez tivesse visitas. Ficou Lourenço N. da Barca nos papéis do tribunal, com a inicial trocada.

— E a senhora não disse nada?

— Não disse. Era a senhora do Rosário, a professora primária da terra. Cale-se essa coisa, dizia eu, e o resto resolve-se. O Manuel resolveu o resto à maneira dele.

Calou-se para logo depois acrescentar, mais baixo:

— Esperei quarenta anos para tirar este nome da página em *M* e o conseguir dizer inteiro. Não consegui. Tenho-o cinco vezes escrito e cinco vezes cortado. Sabes porquê?

— Não, não sei.

— Porque não cheguei a aprender o meu antes. Primeiro aprende-se o nosso nome. Depois é que se pode chamar pelos outros.

Não percebi a frase na altura.

V

A minha mãe desceu à marginal numa quarta-feira, com a mala da semana na mão e as luvas de borracha ainda metidas por dentro. Tinha deixado o segundo prédio por limpar a meio. Eu nunca lhe tinha pedido para descer.

A Amélia ouviu-lhe a paragem a três passos e soube quem era pelo barulho da borracha das luvas a ranger contra os fechos da mala. Disse, sem voltar a cabeça:

— Senhora.

— Boa tarde.

— Sente-se. Os bancos estão pagos. Eu pago-lhes a renda há muitos anos.

A minha mãe sentou-se, olhou para mim e limitei-me a não dizer nada. A Amélia continuou virada para o rio.

— A sua filha anda a aprender comigo a ler em voz alta. A senhora há de perceber quando ela crescer, e há de perceber de uma vez só, num dia em que estiver mais cansada do que costuma. Eu, por enquanto, pago-lhe a hora, mas não em dinheiro.

A minha mãe ficou calada.

— Diga você o seu, agora. Aqui. Para o rio.

A minha mãe olhou em redor. Não havia ninguém na marginal. Por uma vez, em cinco anos de Portugal, levantou a voz a meio do passeio público, e disse, em voz baixa mas em voz, exatamente como aprendera a dizer em criança na escola da freira:

— Lúcia Aparecida Ferreira dos Santos.

A Amélia acenou com a cabeça muito devagar.

— Pago — disse a Amélia. — Pago em adiantado, Lúcia, que o rio não dispensa.

Foi nesse instante que qualquer coisa se arrumou dentro de mim, não como uma ideia que chega com palavras, mas como certas fomes que já estão no corpo antes de termos nome para elas.

V I

A Amélia caiu na noite do dia oito de janeiro. Não se partiu por fora. Por dentro, partiu o que ainda estava a aguentar. Não foi ao rio na manhã seguinte. Não foi nas outras. Mandou recado pela vizinha: que eu, a Rafaela, subisse até casa dela.

Subi. No quarto, em cima da mesa de cabeceira, estavam os óculos colados e um exemplar gasto de *Gaibéus*, de Alves Redol. O caderno preto estava aberto a meio na ponta da cama.

— Senta-te.

Sentei-me.

— Não vou pedir-te que leias na rua.

— Eu vou.

— Ouve, rapariga. Peço-te três nomes. Helena, Lourenço Mendes, Manuel. Por essa ordem, ou pela ordem que tiveres por boa, pois não estou em condições de te corrigir.

— Quantos dias?

— Os que tiveres.

Saí sem o caderno. Voltei no dia seguinte. Peguei no caderno que ela tinha sobre o colo, com o cuidado que aprendera a ter com os santos das casas alheias, e desci.

Soube depois que, na noite anterior, antes de mo entregar, a Amélia tinha aberto o caderno pela contracapa e escrito a única linha que ainda lhe faltava em sessenta e quatro anos de página. Aprendera.

Era um sábado, e a marginal estava deserta. O Tejo tinha estado a baixar a noite toda e soprava um vento ligeiro. Uma garça-real andava devagar pela ponta do paredão, parou a três metros do banco, e assim ficou.

Sentei-me e coloquei o caderno sobre os joelhos. Trazia, no bolso de trás, um lápis amarelo afiado em casa com o canivete do meu tio, e nas mãos a coisa para a qual tinha vindo, que não era ainda nome nenhum. Tinha ensaiado na noite anterior, junto à janela do meu quarto, com o quarto às escuras para a minha mãe não me ouvir. Ensaiei Manuel, Lourenço Mendes e Helena. Estava preparada para o que vinha do caderno. Não estava preparada para o que vinha de mim.

Foi nesse instante que entendi a ordem. Não foi pensamento, mas uma coisa anterior ao pensamento. Tinha pensado a semana inteira que a ordem era Helena, Lourenço, Manuel, e que o meu próprio nome, se aparecesse, apareceria no fim, em voz baixa, como uma assinatura. Não. Era ao contrário.

Pousei o lápis em cima do caderno, com as duas mãos por cima, e respirei, enquanto a garça me observava de frente.

— Rafaela — disse, baixo, sem encolher a palavra dentro da boca.

Não consigo descrever a maneira como esta palavra saiu da boca. Quem sempre teve nome inteiro talvez não entenda. Eu tinha sido a Rafa, a Rafita, a brasileira, a filha da senhora da limpeza, e o nome inteiro tinha-me custado três anos a ouvir-me a mim própria. Calei-me um segundo, à espera de que o rio se risse, como tinha rido o Vasco no recreio em tantas ocasiões. Mas o rio era de outra escola.

— Rafaela Aparecida Ferreira dos Santos — continuei, e a voz não me tremeu, embora as mãos tremessem. — Treze anos. Nasci em Lisboa. Vivo em Alhandra. Filha da Lúcia. — Inspirei. — Pago em adiantado, que o rio não dispensa.

— Lúcia Aparecida Ferreira dos Santos — disse a seguir, com o cuidado com que se pousa pão numa mesa pobre. — Pernambuco. Quarenta e dois anos. Mãe. Senhora da limpeza. Esta manhã está a tirar o pó dos santos no terceiro esquerdo da Avenida e há de descer a Rua Direita pelo meio-dia com uma mala vazia. — Sorri por dentro. — Pago em adiantado, mãe.

E só então abri o caderno.

— Helena — li, devagar. — Mil novecentos e cinquenta e seis. Filha da Etelvina do Casalinho. Vinte e dois dias. Não chegou a ter o nome no papel antes de morrer. A mãe disse o nome vinte anos depois, no escuro, a outra mulher. Pago.

Virei a folha. Encontrei Lourenço à terceira tentativa, com a letra muito apertada da Amélia, ao alto.

— Lourenço Mendes — li. — Pintor de quilhas. Surdo de nascença. Foi condenado por uma noite em que outros estavam, e foi condenado porque não se sabia defender por dentro de uma sala em que se falava. Sete anos em Caxias. Morreu sem visitas, no Hospital de São Francisco Xavier, com uma letra trocada na sentença. — Levantei a cabeça. — Hoje a letra fica direita. Pago.

E veio a página em *M*.

A página em *M* tinha cinco Manuéis começados, e cinco riscados. Estavam dispostos como se a mão da Amélia tivesse posto um por mês, durante meio ano, em meses diferentes, e cada vez chegado ao *R* ou ao *N* e parado. Olhei para os cinco. Não havia melhor. Pousei a ponta do dedo no primeiro, naquele em que se via que a tinta era a mais antiga.

— Manuel do Rosário — li. — Vinte e dois anos. Filho da Amélia, professora primária da Escola N.º 2. Chamava à mãe *Mê*, com acento, sem segunda sílaba. Entrou no Tejo aí em cima no verão de oitenta e seis. Foi visto entrar, mas não foi visto sair. Não sei mais nem preciso. — Parei. — Pago. Pago tarde. Pago como puder ser pago.

Fechei o caderno. Pousei-o no banco, ao meu lado. A garça-real veio mais perto, parou a um metro, encostou a cabeça ao corpo, e ficou ali.

Subi até casa da Amélia mais tarde, com o caderno debaixo do braço. A porta estava encostada. A vizinha que tinha estado a passar as horas esperava ao patamar com aquela cara das pessoas que sabem dar uma notícia sem a dizer. Eu deixei-a passar e subi sozinha ao quarto. Coloquei o caderno em cima da mesa de cabeceira, ao lado dos óculos colados e do exemplar gasto de *Gaibéus*, e olhei para a cara da Amélia. Estava mais pequena. Tinha a boca fechada numa linha fina, como se acabasse de terminar uma frase difícil.

Olhei para o caderno aberto na primeira página da contracapa, onde a Amélia tinha escrito uma frase só:

Amélia do Rosário. Mil novecentos e quarenta. Professora. Mãe. Pago, à conta do que aprenderem por mim.

Voltei a fechar o caderno e desci. À porta da rua, parei um instante. O Tejo estava a vazar agora, e o ar trazia da outra margem o som baixo de uma sirene de fábrica que eu nunca tinha escutado antes, e que talvez soasse todos os dias àquela hora.

Ao virar para casa, à Rua do Calvário, encontrei a minha mãe a subir a calçada com o saco vazio, devagar, por causa dos joelhos.

— Lúcia — disse-lhe, em voz alta.

Ela parou. Esperou.

— Vamos.

Fomos. Subimos. Eu tinha treze anos. Hoje tenho dezasseis. Ainda guardo o lápis amarelo na gaveta da mesa de cabeceira. Não sei se já aprendi a usá-lo. Mas, quando escrevo o meu nome, escrevo-o inteiro.